

2. Capítulo II - 8º Ano - Educação Visual

A disciplina de Educação Visual, 8º ano, dá continuidade à mesma disciplina do 7º ano, do 3º ciclo do Ensino Básico, ao nível dos conhecimentos adquiridos até então pelos alunos, “*com três finalidades educativas fundamentais:*

- . *desenvolver a percepção visual através da criação e ampliação de hábitos de observação, análise e síntese;*
- . *desenvolver e amadurecer as capacidades expressivas, comunicativas e interpretativas que se realizem através das linguagens da figuração;*
- . *desenvolver a consciência dos valores ambientais e dos valores artísticos.”¹*

A Educação Visual constitui-se como uma área de saber que se situa entre a comunicação e a cultura dos indivíduos.

“*Cada pessoa tem uma maneira própria de ver, porque cada um percebe a realidade de forma diferente;*

- . *a percepção inicia-se com a transmissão das sensações ao cérebro;*
- . *a percepção resulta da interpretação que o cérebro faz da informação recebida;*
- . *a interpretação feita pelo cérebro é única em cada pessoa porque depende das memórias: conhecimentos, vivências, experiências, etc.”²*

Transcrevem-se alguns excertos do Currículo Nacional do Ensino Básico:

“*A Arte como forma de apreender o Mundo permite desenvolver o pensamento crítico e criativo e a sensibilidade, explorar e transmitir novos valores, entender as diferenças culturais e constituir-se como expressão de cada cultura. A Arte não está separada da vida comunitária, faz parte integrante dela. A aprendizagem dos códigos visuais e a fruição do património artístico e cultural constituem-se como vertentes para o entendimento de valores culturais promovendo uma relação dialógica entre dois mundos: o do Sujeito e o da Arte, como expressão de cultura”.*³

¹ AREAL, Zita, *Visualmente – Educação Visual 7º, 8º e 9º Anos – Terceiro Ciclo do Ensino Básico*. 1ª Edição. Areal Editores, Porto, 2006.

² GRAÇA, Carrilho, *Educação Visual, Desenhar e Criar, 3º Ciclo*, Lisboa Editora, Lisboa, 2002.

³ Currículo Nacional do Ensino Básico, do Ministério da Educação – *Competências Essenciais – Educação Artística*, ver link: www.dgidc.min-edu.pt/recursos/Lists/.../Curriculo_Nacional.pdf

É uma disciplina de dois anos obrigatórios (7º e 8º), com 90 minutos por semana e um opcional (9º), com 135 minutos por semana. Isto porque a educação artística ao longo do ensino básico desenvolve-se através de quatro grandes áreas: Expressão Plástica e Educação Visual; Expressão e Educação Musical; Expressão Dramática / Teatro; e Expressão Físico-Motora / Dança. No 1º ciclo o professor da classe ou professores especialistas trabalham todas as áreas de forma integrada. No 2º ciclo há uma incidência na Educação Musical e na Educação Visual e Tecnológica. No 3º ciclo o aluno tem um leque de escolhas à sua disposição ao nível da Educação Artística. A Educação Visual é uma disciplina de carácter obrigatório nos 7º e 8º anos. No 9º ano é introduzida outra área artística de carácter obrigatório, podendo os alunos optar, de acordo com a oferta de escola, por Educação Musical, Oficina de Teatro, Dança ou Educação Visual.

A planificação de todas as aulas e actividades teve sempre como base o programa de Educação Visual e o auxílio de manuais de apoio (importantes fontes bibliográficas), tal como o que foi adoptado pelo grupo Educação Visual, 3º Ciclo⁴.

Os manuais de Educação Visual organizam-se num único livro para os três anos, isto porque:

*“a sucessão de conteúdos proposta tem subjacente uma evolução que se inicia no 7º ano e termina no 9º ano, no entanto, não deixa de apoiar cabalmente o trabalho de planificação em turmas com apenas dois anos de frequência obrigatória da disciplina. Desta forma, contribui-se para otimizar os encargos na aquisição de livros escolares e por outro lado torna-se mais compreensível o entendimento da inter-relação dos conteúdos do programa”.*⁵

Como complemento do manual teve-se sempre em atenção o “Ajustamento do Programa de Educação Visual – 3º Ciclo” e foi sempre alvo de consulta detalhada. Segundo este documento:

⁴ DIAS, Cármen; SOUSA, Sandra, *Artes & Manhas*. Ed. Santillana, Constância, Lisboa, 2006.

⁵ GRAÇA, Carrilho, *Educação Visual, Ver, Desenhar e Criar, 3º Ciclo*, Lisboa Editora, Lisboa, 2002.

*“A integração da disciplina de Educação Visual numa área de educação Artística situa-a nos domínios concretos da Expressão Plástica e do desenho, entendido este como uma escrita visual de uma linguagem específica das artes plásticas. A Educação Visual é uma disciplina fundamental para a EDUCAÇÃO global do cidadão”.*⁶

Todos os conceitos que foram abordados na sala de aula, têm associados uma componente para a cidadania, onde se pretende desenvolver competências e atitudes de participação dos alunos. A Escola pretende formar indivíduos capazes de intervir civicamente em aspectos ambientais, de direitos humanos, etc. O trabalho desenvolvido pelas escolas, em cada turma, na frequência de cada disciplina, é uma oportunidade para responder com maior eficácia aos problemas, interesses e motivações da comunidade escolar.

O 8º ano pode assumir-se como um ano terminal de Educação Visual para muitos jovens estudantes, se tivermos em conta que a frequência desta disciplina no 9º ano, de acordo com a nova organização curricular, não é comum a todos os alunos que terminam o Ensino Básico. Assim, o “Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem”, tem o cuidado de acrescentar aos conteúdos uma proposta de abordagem sequencial, baseada na experiência de prática lectiva e tendo presente o desenvolvimento cognitivo dos jovens.

Os conteúdos apontados como preponderantes são considerados, mas o *Ajustamento do Programa* propõe, para além do corpo central do *Currículo Nacional*⁷, a importância de as escolas e os professores ferirem de forma dinâmica o processo de ensino-aprendizagem.

Os conteúdos essenciais constituem uma base de trabalho, mas serão consideradas outras abordagens pelos professores nas escolas, nos grupos disciplinares ou na planificação da turma, que o projecto educativo específico, o contexto social e cultural local e o momento, aconselham como fundamentais.

⁶ Ajustamento do Programa de Educação Visual – 3º Ciclo, elaborado por um grupo de trabalho em articulação com o departamento de Educação Básica, no sentido de propor a melhor adequação ao actual programa da disciplina, da responsabilidade do Ministério da Educação, ver www.dgidc.min-edu.pt/recursos/.../ajustamento_educ_visual.pdf.

⁷ Currículo Nacional do Ensino Básico, do Ministério da Educação, ver link: www.dgidc.min-edu.pt/recursos/Lists/.../Currículo_Nacional.pdf

Nas aprendizagens que proporcionam transversalidade devem ser geridos os seus conteúdos em Conselho de Turma ou entre áreas disciplinares, de modo a garantir uma aprendizagem optimizada dos mesmos, como exemplos: Comunicação e Língua Portuguesa ou Luz-Cor e Físico-Química.

Relativamente às “áreas de exploração” propostas deve ser dada principal atenção ao Desenho, à Pintura e à Escultura. As restantes áreas propostas pelo programa devem ser geridas consoante o tempo disponível, a forma como cada escola está equipada e o respectivo projecto educativo.

No Ajustamento do Programa de Educação Visual – 3º Ciclo, do Ministério da Educação:

*“o DESENHO é o exercício básico insubstituível de toda a linguagem plástica, bem como constitui uma ferramenta essencial na estruturação do pensamento visual. Nessa medida, deve ser desenvolvida de forma sistemática, nomeadamente em registos livres, registos de observação ou na representação rigorosa”.*⁸

A leccionação das aulas assistidas teve sempre presente uma reflexão prévia sobre as eventuais dificuldades inerentes aos conceitos introduzidos, assim como a procura de soluções alternativas para a resolução de contingências.

Pretendeu-se criar aulas interactivas, tentando que a exposição dos novos conceitos não fosse excessiva ou muito prolongada, gerando em simultâneo momentos de debates sobre os temas abordados, apontamentos de algumas notas e a passagem imediata à actividade prática.

A intervenção directa do aluno e a ponderação do professor sobre as características da turma é essencial para uma prática pedagógica com sucesso.

⁸ Ajustamento do Programa de Educação Visual – 3º Ciclo, elaborado por um grupo de trabalho em articulação com o departamento de educação Básica, no sentido de propor a melhor adequação ao actual programa da disciplina, da responsabilidade do Ministério da Educação, (p.3), ver www.dgidec.min-edu.pt/recursos/.../ajustamento_educ_visual.pdf.

“Segundo Fiorentini (2002) e Pinheiro e Gonçalves (2001), o professor deve escolher estratégias e procedimentos dinâmicos, ajustados aos interesses dos alunos, com o objectivo de conquistar a sua participação activa durante as aulas, ou seja, devem desafiar os alunos de forma a que eles procurem constantemente soluções para os problemas propostos”.⁹

Nesta linha pedagógica, mas também com momentos de informação necessários e importantes fornecidos pelo professor, decorreram todas as aulas. Os alunos tiveram sempre uma intervenção muito participativa, com questões enquadradas nos conceitos referidos e consequente interligação uns com os outros.

Procurava-se uma linguagem simplificada, ainda que infalivelmente correcta e, sempre que possível, que se estabelecesse uma inserção na realidade quotidiana dos alunos. Outra preocupação na planificação das aulas assistidas era a condução da aula de modo que fosse possível desafiar os alunos a explicar as suas dúvidas e certezas.

Nos períodos de orientação de estágio, a principal preocupação era debater a preparação das aulas, esclarecendo eventuais dúvidas científicas e didácticas: definição dos objectivos, selecção da metodologia a adoptar em diferentes fases da aula (exposição teórica, Powerpoint, debate, esquemas no quadro, fichas de trabalho ou de informação e actividades práticas) e actividade prática da sala de aula.

Basicamente, a preocupação essencial da preparação das aulas passava sempre por motivar os alunos, conseguir transmitir (de forma cientificamente correcta) os conteúdos propostos e obter “feedback” positivo da turma.

Também foram realizadas actividades extra-curriculares: exposições, visita de estudo, construção de painéis de telas, desenvolvimento de um projecto de criação de um livro de ilustrações da obra “A Árvore”¹⁰, entre outras.

⁹ autores citados em <http://www.scribd.com/doc/2197345/metodologia>.

¹⁰ ANDRESSEN, Sophia de Mello Breyner, *A Árvore*, Liv. Figueirinhas, Porto, 1987.

2.1. Contextualização Programática

2.1.1. Orientação Curricular

A disciplina de Educação Visual, 8º ano, de acordo com os Princípios Orientadores da Revisão Curricular do 3º ciclo do Ensino Básico do Decreto Lei nº6/2001 de 18 de Janeiro, prevê um bloco, de 90 minutos, de aulas semanais.

A organização do Ensino Básico permite que as possibilidades de leccionação de conceitos resultem da relação entre o professor e os alunos, não sendo esquematizada num programa de orientações mais rígidas.

Ao longo do ensino básico as dimensões das competências específicas que o aluno deve adquirir em Artes Visuais articulam-se em três eixos estruturantes, tais como: fruição-contemplação, produção-criação e reflexão-interpretação. O primeiro prende-se com o reconhecimento e identificação das artes visuais e do património artístico e cultural no âmbito nacional e internacional, assim como a valorização do espaço natural construído, público e privado. O segundo tem a ver com a utilização dos diferentes meios de expressão e de representação, realizar produções plásticas, usar diferentes tecnologias da imagem na realização plástica e compreender os significados e os processos subjacentes à criação das Artes Visuais. Por último, pretende-se reconhecer a permanente necessidade de continuar a criar, desenvolver o sentido de apreciação estética e artística do mundo, compreender diferentes códigos de comunicação visual e conhecer os conceitos e terminologias das Artes Visuais.

Existem dois domínios das competências específicas para a operacionalização e articulação destes três eixos estruturantes: comunicação visual e elementos da forma.

Assim, as competências essenciais, expressas no Currículo Nacional do Ensino Básico do 3º Ciclo¹¹, para a Educação Visual, são resumidamente apresentadas na seguinte tabela:

¹¹ Currículo Nacional do Ensino Básico, do Ministério da Educação,
ver link: www.dgidec.min-edu.pt/recursos/Lists/.../Curriculo_Nacional.pdf

Tema	Competências essenciais
Elementos da Forma	<ul style="list-style-type: none"> • Representar expressivamente a figura humana compreendendo relações básicas de estrutura e proporção. • Compreender a geometria plana e a geometria no espaço como possíveis interpretações da natureza e princípios organizadores das formas. • Compreender as relações do Homem com o espaço: proporção, escala, movimento, ergonomia e antropometria. • Entender visualmente a perspectiva central ou cónica recorrendo à representação, através do desenho de observação. • Conceber projectos e organizar com funcionalidade e equilíbrio os espaços bidimensionais e tridimensionais. • Compreender através da representação das formas, os processos subjacentes à percepção do volume. • Compreender a estrutura das formas naturais e dos objectos artísticos, relacionando-os com os seus contextos. • Perceber os mecanismos perceptivos da luz/cor, síntese aditiva e subtractiva, contraste e harmonia e suas implicações funcionais. • Aplicar os valores cromáticos nas suas expressões plásticas. • Criar composições a partir de observações directas e de realidades imaginadas utilizando os elementos e os meios da expressão visual.
Comunicação Visual	<ul style="list-style-type: none"> • Ler e interpretar diferentes narrativas nas diferentes linguagens visuais. • Descrever acontecimentos, aplicando metodologias do desenho de ilustração, da banda desenhada ou do guionismo visual. • Reconhecer, através da experimentação plástica, a arte como expressão do sentimento e do conhecimento. • Compreender que as formas têm diferentes significados de acordo com os sistemas simbólicos a que pertencem. • Conceber organizações espaciais dominando regras elementares da composição. • Entender o desenho como um meio para a representação expressiva e rigorosa das formas. • Conceber formas obedecendo a alguns princípios de representação normalizada.

Fig. II.1: Competências essenciais para o ensino da Educação Visual, no 3º ciclo do Ensino Básico.

2.1.2. Unidade Pedagógica seleccionada

No início do presente ano lectivo, o núcleo de estágio de Artes Visuais reuniu com o Orientador a fim de decidir as unidades programáticas a leccionar em cada ano curricular.

A distribuição das unidades de prática de ensino supervisionada foi planificada de modo a que cada estagiária leccionasse, pelo menos, 6 aulas no Primeiro e Segundo Períodos. Por opção e compensação das estagiárias, com estatuto “trabalhador-estudante” optou-se por leccionarem todas as aulas possíveis até meados de Maio. Pretendia-se, para além de um equilíbrio e harmonia entre as estagiárias, uma melhor racionalização dos recursos disponíveis e um aprofundamento dos objectos de ensino. Assim, as unidades pedagógicas definidas estão enquadradas em todo o programa de Ensino de Educação Visual, contemplando a maioria dos objectivos gerais e competências, indicados pelo Ministério da Educação.

Após uma ponderação conjunta com o Orientador de Estágio, decidiu-se que a Estrutura / Forma corresponderia à Unidade Pedagógica a desenvolver numa primeira fase.

Assim, a reflexão sobre a prática de ensino, a análise no contexto programático e, as conclusões aqui referidas, são essencialmente em relação ao tema Estrutura / Forma e às actividades contíguas.

Abordando as palavras-chave, pode-se depreender Estrutura como: “*distribuição, organização, correspondência, ordem com que se compõe uma obra, forma, contextura intrínseca dos materiais e objectos*”; e Forma como: “*aparência, configuração, organização que recebem as impressões sensoriais na percepção, totalidade do trabalho artístico*”¹².

¹² RAMOS E., PORFÍRIO M., *Educação Visual 3ºCiclo – 7º./8º./9º. Anos*, Edições ASA, Alfragide, 2002.

“Ao observarmos atentamente os objectos que nos rodeiam, vemos que existe uma organização que relaciona as partes com o todo. A estrutura pode atingir graus muito diferentes de complexidade: a estrutura de um fantoche é, sem dúvida, menos complexa do que a de uma ponte. Essa relação estrutural existe tanto nas obras criadas pelo Homem – seja em composições artísticas, plásticas e visuais, seja em magníficas obras de engenharia – como também está presente na Natureza, que cresce e evolui segundo estruturas próprias. (...) outro dos elementos configuradores da imagem – a forma”¹³.

“A forma existe num determinado espaço. A matéria de que é feita a forma dá-lhe características específicas. Existem formas naturais e formas criadas pelo Homem. (...) A estrutura é constituída pelos elementos essenciais para a estabilidade da forma. Corresponde ao “esqueleto” que apoia as várias partes que a constituem. A estrutura de uma forma está sempre ligada à sua função”¹⁴.

Uma vez que a Unidade de Trabalho 1 tratava a Estrutura | Forma, por se entender que estas aprendizagens podem ser desenvolvidas em simultâneo, já que a forma subentende a compreensão da sua estrutura, optou-se por elaborar um trabalho de auto-retrato, subdividido em quatro fases (cujas competências específicas estão descritas na conclusão do Capítulo II):

Fase 1

- A partir de uma fotografia e mediante as anotações expostas no quadro representar a estrutura do rosto.
- Desenhar os principais traços do rosto através do método da quadrícula para ampliação do retrato, a lápis de grafite;

Fase 2

- Fazer estudos no caderno de uma escala de tons a grafite;
- Representar o volume através de efeitos claro-escuro, com uso da linha, da mancha e da textura a lápis de grafite, para ter a percepção da interação da luz na caracterização visual das formas.

“A preto e branco estamos a representar simultaneamente a diferente luminosidade de tons e o claro-escuro próprio de todos os volumes, quando iluminados”¹⁵.

¹³ JARDIM A., *Imagin'Arte, 3º ciclo do Ensino Básico*, Anaya Livro - Editores Associados, Lisboa, 2002.

¹⁴ GRAÇA, Carrilho, *Educação Visual, Desenhar e Criar, 3º Ciclo*, Lisboa Editora, Lisboa, 2002.

¹⁵ AREAL, Zita, *Visualmente – Educação Visual 7º, 8º e 9º Anos – Terceiro Ciclo do Ensino Básico*. 1ª Edição. Areal Editores, Porto, 2006

Fase 3

- Fazer diversos estudos de cor, de texturas, de materiais, organizando um processo com experiências alternativas e apresentando uma metodologia de trabalho coerente;
- Aplicar a criatividade, a expressividade, assim como a originalidade;
- Pintar uma tela de 20x30cm com tintas acrílicas após a selecção do trabalho a desenvolver.

Fase 4

- Deformar a estrutura de modo a obter uma nova forma de rosto;
- Aplicar materiais diversos, revelando originalidade e domínio de técnicas e materiais.

2.2. Metodologia de Ensino

Os diferentes conteúdos a desenvolver em Educação Visual não necessitam obrigatoriamente de serem abordados sequencialmente. O facto de as competências específicas se encontrarem organizadas de acordo com uma determinada estrutura não significa que essa ordem seja um critério a seguir sistematicamente.

Neste caso, as dinâmicas pedagógicas implementadas tentaram estar de acordo com a realidade da comunidade em que se inserem, com o projecto educativo da escola e com as características dos alunos.

*“...Não existe nenhuma entidade genérica a que se possa dar o nome de o professor eficiente. A eficiência do ensino deve antes ser considerado em relação a um professor determinado lidando com determinados alunos, num determinado ambiente, enquanto procura alcançar determinadas metas de ensino”.*¹⁶

¹⁶ Pophan e Baker, *Sistematização do Ensino*, Editora Globo, Porto Alegre, São Paulo, 1976.

Conforme é referido no Currículo Nacional do Ensino Básico do Ministério da Educação, nas experiências de aprendizagem – indicações metodológicas: “

“Na gestão do processo de ensino-aprendizagem, cada proposta de trabalho estrutura-se a partir do perfil de competências definido e dos eixos fundamentais considerados:

- . os saberes específicos da Educação Visual;*
- . os suportes, materiais e técnicas que permitem a realização de projectos;*
- . os campos temáticos onde as propostas de trabalho se devem inserir, integrando as aprendizagens e as produções em processos de reflexão e intervenção.”¹⁷*

Como metodologia de trabalho a autora deste Relatório teve sempre a preocupação de entender a organização de actividades por unidades como projectos individuais que implicam um processo de desenvolvimento e um produto final, procurando diversas estratégias de aprendizagem.

Devido ainda à preocupação de que existisse uma consolidação das aprendizagens e de que o produto final tivesse qualidade, por vezes, a gestão do tempo de cada unidade de trabalho alargava-se.

Tentou fazer-se com que a apreensão dos conteúdos resultasse da própria dinâmica do projecto e de experiências dos alunos mais significativas.

As temáticas tentaram ser relevantes e actuais, assim como interagir com o contexto envolvente.

A selecção dos meios de expressão visual para a concretização dos trabalhos procurou ser diversificada e permitir diferentes abordagens estético-pedagógicas.

Uma das principais estratégias de ensino foi a de favorecer o desenvolvimento da comunicação visual individual e a participação em trabalhos colectivos, como veremos mais adiante.

Quanto às opções pedagógicas feitas na elaboração das planificações incidiu-se essencialmente na exploração dos elementos da forma e os conceitos associados à

¹⁷ Currículo Nacional do Ensino Básico - *Experiências de Aprendizagem – Indicações Metodológicas* (p. 161), ver link: www.dgidc.min-edu.pt/recursos/Lists/.../Curriculo_Nacional.pdf.

compreensão da comunicação visual, desenvolvendo múltiplos domínios (afectivo, cognitivo e social).

Os diversos exemplos de modos de expressão existentes nas formas de arte contemporâneas foram explanados, situando os alunos num universo mais aberto e dando sempre a conhecer várias referências visuais e técnicas.

Ainda, segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico do Ministério da Educação¹⁸, devem ser implementados diferentes meios de expressão, em função das competências e dos projectos pedagógicos das escolas. O desenho, as explorações plásticas bidimensionais e tridimensionais, assim como as tecnologias da imagem propõem-se como áreas dominantes.

2.2.1. Planificação

2.2.1.1. Planificação Anual

A prática de ensino supervisionada começou a ser preparada desde o início do estágio pedagógico, ao nível do debate e da ponderação de todas as dúvidas pedagógicas e científicas e da presença em todas as aulas com o Orientador.

A planificação anual (**Anexo II.1**), elaborada pela autora deste Relatório de Estágio, foi a etapa seguinte e implicou o primeiro contacto com a necessidade de enquadrar as unidades pedagógicas com a gestão dos tempos lectivos. Os objectivos gerais foram distribuídos ao longo de 3 períodos, sendo abordados: no Primeiro Período, na primeira Unidade de Trabalho (UT1) os conteúdos da Forma | Estrutura; no Segundo Período a Luz | Cor, como segunda Unidade de Trabalho (UT2) e dando início à Comunicação Visual (UT3) como terceira Unidade de Trabalho, que se prolongaria para o Terceiro Período, seguida da Geometria Plana, como última Unidade de Trabalho.

¹⁸ Currículo Nacional do Ensino Básico, do Ministério da Educação - *Meios de Expressão Plástica* (p. 162)
ver link: www.dgidc.min-edu.pt/recursos/Lists/.../Curriculo_Nacional.pdf.

2.2.1.2. Planificação Trimestral

A planificação seguinte, elaborada para a turma a leccionar, foi a que diz respeito ao período em vigor, digamos que se trata de uma planificação a médio prazo. A do Primeiro Período foi realizada em Setembro (**Anexo II.2**), a do Segundo Período, em Janeiro (**Anexo II.3**). Estas planificações são mais descritivas no que respeita aos objectivos de aprendizagem e de desenvolvimento pretendidos. Encontram-se estruturados um conjunto de conhecimentos, atitudes e aptidões cognitivas, que um aluno deve possuir quando terminar o 8º ano de Educação Visual.

A necessidade de seleccionar e hierarquizar os objectivos reflecte as preocupações de gerir os conteúdos programáticos.

Esta planificação continha ainda:

- Estratégias, designando o quê e como fazer;
- Recursos, tais como: fichas de informação e apoio, PowerPoints, propostas de trabalho e materiais diversos;
- Critérios gerais de avaliação.

A dificuldade em distribuir o número de aulas disponíveis para a disciplina pelos conteúdos programáticos e pelas respectivas competências surgiu mais ao nível do 2º período, quando se prolongou uma actividade prática referente a conteúdos do 1º Período. Este facto tentou-se minimizar com o auxílio do programa do Ministério da Educação, embora tivesse repercussões ao nível do 3º Período.

Para cada Período ficou estipulado serem efectuadas, pelo menos, duas actividades práticas a desenvolver - Propostas de Trabalho, como instrumentos de avaliação.

Segue-se um quadro resumo com a sistematização das planificações do 1º e 2º Períodos com os aspectos principais:

Tempos lectivos	Unidade de Trabalho	Conteúdos	Instrumento de avaliação (Tipo de Exercício)
3	Espaço	.Representação do espaço (sobreposição, dimensão, claro-escuro, gradação de nitidez); .Percepção e representação visual das formas (qualidades formais e qualidades expressivas).	Ficha de Avaliação Diagnóstica
24	Forma Estrutura	.Estrutura / Forma / Função .Percepção Visual da Forma: qualidades expressivas, formais e geométricas.	Propostas de Trabalho: .Desenho da Estrutura e principais traços do rosto; .Formalização do retrato com o uso da cor – pintura de tela; .Definir novas formas do rosto a partir da deformação da sua estrutura.
12	Luz-Cor	Qualidades expressivas da cor: simbolismo, síntese aditiva, síntese subtractiva, cores primárias e secundárias, cores complementares e a cor no ambiente.	Proposta de Trabalho: .Construção de um Círculo Cromático
14	Comunicação Visual	.Códigos de Comunicação Visual; .O papel da imagem na comunicação.	Proposta de Trabalho: .Ilustração da obra "A Árvore", de Sophia de Mello Breyner Andresen

↓ Fig. II.2: Resumo das planificações do 1º e 2º Períodos.

50 Aulas

Reflectindo sobre a planificação realizada, verifica-se uma distribuição uniformizada dos conteúdos, relativamente à planificação proposta pelo Ministério da Educação. Contudo, a exposição de conceitos teóricos faz, por vezes atrasar a leccionação dos conteúdos atempadamente, devido às características da turma não permitirem uma exposição mais pausada sobre o tema, correndo o risco de não conseguir cumprir com todos os objectivos de ensino.

É de salientar que à partida a leitura do programa e a respectiva planificação elaborada parecem ser facilmente geridas ao longo dos Períodos, mas a existência de determinadas aulas como a realização de, por exemplo: apresentação, auto e

hetero-avaliação, assistência a palestras, etc. têm de ser quantificadas. Deste modo, o docente fica bastante condicionado pelo calendário e pela necessidade de seguir, com algum rigor, a gestão de tempos sugerida pelo Ministério da Educação.

2.2.1.3. Planificação das Aulas Assistidas

A planificação das aulas é importante porque é a expressão da forma de preparar a organização das actividades de aprendizagem dos alunos.

As características do planeamento dependem da maturidade profissional ou experiência do docente. Contudo, é importante que se possa mostrar, ou demonstrar, o nível de estruturação de trabalho na sala de aula, como evidência de atenção prestada às necessidades de aprendizagem de cada aluno e do modo como o professor prepara o seu trabalho, quer por unidades temporais – aula a aula, semana a semana, mensalmente, quer por unidades didácticas, competências, projectos e actividades a desenvolver, etc..

Assim, a prática de ensino supervisionada, factor de fundamental importância na preparação de um docente, foi sempre devidamente planificada. Essa planificação foi sempre assistida pelo Professor Orientador.

No início do ano lectivo as estagiárias reuniram com o Professor Orientador e determinaram o número de aulas assistidas (mínimo 6), supervisionadas pelo Orientador e, por vezes, por colegas estagiárias. Ficou definido que cada estagiária teria obrigatoriamente de assistir a, pelo menos, uma aula de cada colega de estágio.

No caso da estagiária, a reunião de discussão acerca das aulas assistidas e outros assuntos era realizada após o termo da aula, devido a incompatibilidade de horário com o exercício de funções noutra escola, usufruindo esta do estatuto de trabalhador-estudante. Todas as dúvidas de carácter científico eram expostas e analisadas, assim como as medidas pedagógicas a adoptar nas aulas.

Os passos a seguir para a preparação das aulas foram vários, mas sempre com o intuito de motivar os alunos, conseguir transmitir de forma cientificamente correcta os conteúdos propostos e obter um feedback positivo por parte da turma.

2.2.2. Critérios de Avaliação

Os critérios de avaliação estão de acordo com os que foram definidos pelo Grupo de Artes Visuais para a disciplina de Educação Visual e seguem em anexo os que se referem à Unidade Pedagógica seleccionada dividida em quatro fases.

Ver **Anexos II.4, II.5, II. 6..**

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO – EDUCAÇÃO VISUAL		
Domínio das Aptidões e Capacidades (60%)	TÉCNICAS	Domínio
		Expressão
		Adequação
		Rigor
		Clareza
	CONCEITOS	Formação e Alargamento
		Apreciação Verbal
	PROCESSOS	Processo de Design
		Expressão Não Condicionada
	PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO REAL	Sensibilidade
		Representação do Real
		Evolução da Capacidade de Representar
Domínio das Atitudes e Valores (40%)	VALORES E ATITUDES	Respeito
		Responsabilidade
		Autonomia

Domínio das Atitudes e Valores

RESPEITO	<p>Respeito pelas diferenças individuais;</p> <p>Reflexão sobre situações;</p> <p>Fruição das qualidades estéticas.</p>
RESPONSABILIDADE	<p>Cuidado com a segurança e a higiene;</p> <p>Organização do plano de trabalho;</p> <p>Assiduidade e Pontualidade.</p>
AUTONOMIA	<p>Superação dos obstáculos;</p> <p>Contribuição para o trabalho de grupo;</p> <p>Autonomia no trabalho individual;</p> <p>Intervenção na melhoria do envolvimento.</p>

Fig. II.3: Critérios de Avaliação definidos pelo Grupo 600 - Artes Visuais.

2.2.3. Concretização

2.2.3.1. Aulas

A prática de ensino supervisionada teve início no mês de Outubro. Ainda no mês de Setembro, o Professor Orientador acompanhou a turma na resolução de uma Ficha Diagnóstica (**Anexo II.7**), no dia 25 de Setembro, com o objectivo de avaliar o grau de dificuldades e de entender a turma enquanto grupo de alunos com determinadas características e necessidades particulares específicas. Esta ficha foi corrigida pela estagiária segundo os critérios de correcção (**Anexo II.8**), realizados pelo Orientador de estágio.

A ficha proposta normalmente na primeira aula (2 tempos) estende-se sempre para a segunda, visto ser necessário um tempo de apresentações: do professor aos alunos e vice-versa, de informações acerca da disciplina, do material necessário, representando, no fundo, 3 tempos de 45m de duração.

A actividade proposta na diagnose da turma integra saberes múltiplos, nomeadamente a visualização do espaço e a compreensão volumétrica. Na faixa etária destes alunos ainda estão algumas pouco desenvolvidos esses domínios, o que implica por vezes um mau resultado. Contudo, permite perceber o grau de dificuldade média da turma.

Em 27 alunos avaliados, verificaram-se os valores percentuais seguintes:

Muito Bom / Bom - A: 30%

Bom / Razoável - B: 52%

Fraco - C:18%

Perante os resultados obtidos, é possível observar que a turma, no geral, sentiu-se bastante à vontade na resolução de exercícios deste tipo. Assim, apresenta alguns domínios no que se refere aos seguintes conteúdos: representação do espaço (sobreposição, dimensão, claro-escuro, gradação de nitidez); percepção e representação visual das formas (qualidades formais, qualidades expressivas).

2.2.3.1.1. Unidade 1

É precisamente nesta Unidade que a estagiária inicia a sua participação activa no desenrolar das aulas e que tem início a prática de ensino.

Antes de iniciar uma actividade lectiva é imprescindível elaborar Planos de Aula, (**Anexos II.9, II.10, II.11, II.12, II.13, II.14, II.15, II.16, II.17, II.18, II.19, II.20.**), que apresentam as competências específicas, os recursos, as actividades e experiências de aprendizagem, a metodologia de trabalho e a avaliação para cada aula assistida. No final de cada aula é feita uma reflexão, que traduz os aspectos positivos e negativos considerados por parte do docente estagiário e pelos alunos, com uma breve conclusão - Ficha de Reflexão Individual do Professor Estagiário, ver **Anexos II.21, II.22, II.23, II.24, II.25, II.26, II.27, II.28, II.29, II.30, II.31, II.32.**

A preparação e leccionação das aulas, permite reflectir sobre as dúvidas mais comuns, nos discentes, e as metodologias usadas sobre dúvidas mais comuns, nos discentes, e as metodologias usadas para as ultrapassar. Deste modo cada aula será aqui analisada, individualmente neste sentido.

. Aula nº 7/8:

A apresentação do professor aos alunos, assim como a definição de regras e normas para a sala de aula foram importantes para o primeiro encontro. Nestas normas inclui-se a lista de material necessário para as aulas de Educação Visual.

Foi dada uma Ficha com a Proposta de Trabalho 1 apresentada (**Anexo II.33**), com o apoio simultâneo de uma explicação no quadro, que os alunos acompanharam através de um registo gráfico.

O conhecimento da forma do rosto implica a compreensão da sua estrutura, proporções e dimensões; por isso decidiu-se começar por este ponto. A visualização através de uma representação esquemática pareceu estratégia favorável ao reforço da compreensão da ideia. A exposição foi clara.

Houve algum imprevisto por parte da estagiária relativamente a aspectos do enunciado, como as dimensões, subjacentes ao facto de a ampliação das fotografias dos alunos terem sido entregues antes do início da aula.

A falta de conhecimento da turma e da sua caracterização não permitiu um equilíbrio entre o ritmo bastante lento de aprendizagem dos alunos e o ritmo mais rápido da estagiária, o que levou a alguma falta de acompanhamento dos alunos colocados nas últimas filas.

Embora o número excessivo de alunos da turma não permitisse dar um apoio muito individualizado, estes foram receptivos à apresentação e gostaram da proposta de trabalho sugerida.

Na generalidade acompanharam bem a aula, prestando atenção aos conteúdos leccionados e resolveram atentamente, mas ao seu ritmo, aquilo que lhes foi solicitado, colocando dúvidas ao professor sempre que consideraram necessário.

O comportamento de alguns alunos, irrequietos e faladores dificultou por vezes o bom funcionamento da aula.

De acordo com o plano de aula não foi possível alcançar o ponto 3 das actividades / experiências de aprendizagem, das quais constava o registo gráfico dos principais elementos do contorno linear do rosto (traços principais).

Em termos gerais, a primeira actividade proposta foi a realização de um auto-retrato. Um tema é muito abrangente e com muitas potencialidades, possível de ser trabalhado na faixa etária dos alunos e capaz de englobar o conteúdo da Forma e da Estrutura, assim como os valores lumínicos de claro-escuro, da cor e da utilização de diferentes técnicas e materiais. Pela própria experiência da estagiária, na leccionação da disciplina em anos anteriores, o facto de os alunos se auto-retratarem desperta já por si bastante motivação. Por outro lado, e também devido a projectos de grande escala que a estagiária realizou noutras escolas, havia desde o início uma intenção de fazer um trabalho significativo para a escola e para a visualização de toda a comunidade escolar e até extra-escolar, de modo a incentivar ainda mais os alunos, no sentido de lhes atribuir responsabilidade na execução desta tarefa, pois sabiam que o resultado do seu trabalho ia ser visto por colegas, professores, funcionários, pais, etc..

. Aula nº 9/10:

A Ficha de Apoio 1 (**Anexo II.34**), da professora estagiária deu alguma ajuda aos alunos mais empenhados, ainda que os menos interessados não lhe tivessem prestado a atenção que ela merecia.

O objectivo desta ficha de apoio foi seleccionado, no sentido de auxiliar na sistematização do trabalho e na visualização de alguns pormenores do rosto, que os alunos têm mais dificuldade em compreender. Isto deve-se sobretudo à existência de estereótipos dos quais os alunos não se livram facilmente e não se preocupam em ver como são, na realidade, as formas.

Mais uma vez, goraram-se as expectativas em relação à concretização da totalidade do trabalho, pela lentidão dos alunos na execução das actividades.

Assim, alguns alunos não terminaram o ponto 2 das actividades propostas, ponto este que já vinha da aula anterior.

Muitos compreenderam a importância da percepção da estrutura do rosto, preocupando-se com este factor e com a ajuda da malha para registar os seus principais traços. Viu-se entusiasmo na realização das tarefas, algum divertimento até e vontade de partilhar com os colegas os resultados dos trabalhos.

O comportamento perturbador de alguns alunos, fazendo comentários despropositados, a falta de material e a lentidão na execução das tarefas levaram novamente a um atraso relativamente ao estipulado no plano de aula.

As expectativas, comparativamente com a aula anterior, foram ajustadas. Ou seja, aquilo que se determinou como experiências de aprendizagem esteve mais ao alcance das capacidades da turma. Os alunos compreenderam o enunciado da ficha de apoio e demonstraram uma maior autonomia na execução do trabalho proposto.

Houve, na generalidade, um maior espírito de iniciativa e empenho, apesar da irreverência e falta de concentração de alguns alunos..

Iniciou-se o desenho da estrutura do rosto, a partir da observação do retrato do aluno. Foi feito o desenho linear dos principais traços do rosto através do método da quadrícula, conforme a Ficha de Apoio 1 (**Anexo II.34**).

Este método facilita a percepção do objecto de desenho, neste caso o próprio rosto, e permite uma imediata ampliação, consoante a escala a que se está a trabalhar, exigindo algum rigor e atenção.

. Aula nº 11/12:

Foi entregue mais uma Ficha de Apoio 2 (**Anexo II.35**) aos alunos, de modo a reforçar a visualização das tarefas pretendidas para o desenvolvimento da aula.

A meio da aula foi feito um ponto de situação originando uma reflexão e esclarecimento de alguns pormenores necessários à continuação do trabalho.

Antes de praticarem os efeitos de claro-escuro no desenho linear do rosto, pareceu importante fazerem uma escala de tons a lápis de grafite.

Foi feita uma exposição de grande parte dos trabalhos em painéis da sala de aula .

De seguida, foram fotografados, para que seja possível analisar a sua evolução por etapas.

Devido ao interesse e solicitações constantes dos alunos em aperfeiçoar o seu desenho com o auxílio do professor, despendeu-se muito tempo que, embora necessário, impediu a realização do ponto 2 das actividades do plano de aula.

Verificou-se que esta turma precisava de um apoio individualizado muito intenso, revelando falta de segurança na realização do trabalho, mas com o número elevado de alunos que a turma possui não foi possível fornecê-lo de modo a avançar a um ritmo mais rápido.

No decorrer do trabalho é notório o interesse crescente e a alegria com que os alunos estão a fazer o auto-retrato.

Ao verem os trabalhos expostos na parede, sentiram orgulho e satisfação.

Perceberam claramente a escala de tons, para dar início à aplicação dos efeitos lumínicos de claro-escuro.

Os alunos que por norma são perturbadores, mostraram-se por razões estranhas ainda mais faladores do que é costume, o que obrigou a uma intervenção crítica constante da estagiária e a uma consequente perda de tempo, atrasando o seu trabalho e o dos colegas que estavam empenhados.

As competências estruturadas para a aula não foram totalmente alcançadas, pelo que na próxima aula se irá ainda concluir esta fase da percepção da forma.

A compreensão do claro-escuro feita a partir de um exercício de construção de uma escala de tons a lápis de grafite. A maioria dos alunos fez este exercício no caderno gráfico. A partir daqui e com a visualização a partir da fotografia sempre presente, os alunos aplicaram também a grafite na representação do claro-escuro.

. Aula nº 13/14:

Apresentou-se um PowerPoint (**Anexo II.36**) aos alunos no sentido de os estimular a visualizar com mais atenção aspectos para a representação dos efeitos lumínicos de claro-escuro. A selecção das imagens e a apresentação parece ter sido clara, perceptível e motivadora.

Tentou dar-se um apoio mais individualizado aos alunos para colmatar dificuldades e ajudá-los a utilizar os materiais adequadamente.

Fazendo um ponto da situação na avaliação dos trabalhos a estagiária concluiu que o nível exigido era superior à capacidade de resposta dos alunos.

Na apresentação do Powerpoint muitos demonstraram interesse, fazendo sucessivos comentários. Embora durante a aula tivessem solicitado a ajuda do professor para procurar melhorar o trabalho desenvolvido, todos concluíram as tarefas nos 90 minutos. Contudo, o comportamento de alguns alunos foi de grande falta de respeito e de educação ao longo de toda a aula. Os alunos com mais dificuldades mostraram muita falta de autonomia e receio em fazer a tarefa solicitada pelo professor.

Como estratégia a implementar numa aula futura, julgou-se conveniente dar uma maior liberdade de acção e experimentação aos alunos, para que se sintam mais especulativos e seja possível controlar melhor o seu comportamento. Deste modo, será mais fácil avaliar as suas verdadeiras capacidades, sem a intervenção do professor na execução das tarefas propostas.

. Aula nº 15/16:

Foi feita a apresentação de um PowerPoint (**Anexo II.37**) com exemplos de autorretratos realizados por alunos para o entendimento da importância da incidência da luz na percepção da forma, através do uso da cor, teve impacto na maioria dos alunos que reagiram com entusiasmo. No desenvolvimento do trabalho foi notória a influência de imagens que aqui visualizaram.

A estratégia de permitir aos alunos um trabalho mais livre, expressivo e criativo parece estar a remediar e a estimular mais os alunos que se sentiam pouco soltos nos gestos e que apresentavam mais dificuldades.

A estagiária procurou sempre incentivar, com reforços positivos, os que apresentavam maiores dificuldades.

No entanto, a apresentação do PowerPoint e a entrega da avaliação intermédia dos trabalhos foi demasiado lenta, o que retirou bastante tempo ao trabalho prático. Reflectindo sobre o trabalho já realizado concluiu-se que deviam ser realçados com mais antecedência aspectos relativos à expressividade e criatividade, presentes nos critérios de avaliação dos trabalhos.

Apesar de haver um grupo que insiste constantemente em intervir despropositadamente, a aula correu incomparavelmente melhor do que a anterior, os alunos mostraram interesse na apresentação do PowerPoint, respondendo correctamente a questões que lhes eram colocadas.

A entrega da avaliação das fases 1 e 2 da Unidade de Trabalho 1: Estrutura|Forma, sem resultados negativos, motivou mais para a execução de posteriores tarefas.

Depois de decalcarem o rosto no caderno começaram logo a trabalhar com interesse a cor, contudo, as faltas de material e a falta de método de trabalho prejudicaram esta fase da actividade.

Como conclusão, a estratégia de desenvolvimento da aula e da aplicação de um trabalho com mais liberdade expressiva resultou melhor como alternativa a um plano de aula anterior que parece ter sido menos compreendido. Talvez o próprio plano não estivesse de acordo com aquilo que se pretendia.

O perfil psicológico da turma não permite muito tempo de exposição teórica, tendo-se tornado evidente que a melhor estratégia é um trabalho mais livre, embora sempre orientado.

Sente-se necessidade de apoiar individualmente alguns alunos, mas vigiando sempre o grupo mais turbulento que aproveita normalmente esta oportunidade para perturbar o desenvolvimento da aula. Para estes a estratégia adoptada no sentido de os motivar a trabalhar mais e distraírem-se menos foi dar-lhes um certo reforço e apoio. São alunos com capacidades e alguma criatividade, que se reflecte naquilo que executam.

. Aula nº 17/18:

A aula iniciou-se uma breve exposição das tarefas a executar e com uma indicação dos itens a serem avaliados.

Tentou apoiar-se os alunos individualmente, mas incentivando sempre a uma atitude autónoma, sobretudo no uso de técnicas e materiais.

Foram chamados à atenção para aplicarem a criatividade e a originalidade como aspectos prioritários na avaliação.

Apesar de alguns alunos não saberem estar na sala de aula e obrigarem à perda de tempo com chamadas de atenção, aqui eles tiveram uma atitude diferente: na generalidade, revelaram interesse estiveram muito empenhados e participativos na realização dos trabalhos.

A dinâmica da aula pareceu, no geral, bastante positiva pela motivação, contudo a falta de material diversificado não permitiu uma variedade de experiências tão rica como estava previsto que fosse. Também, embora se note uma melhoria do comportamento continuam a surgir comentários despropositados.

Pode concluir-se que, uma exposição oral mais breve foi benéfica e mais adequada às características da turma, no sentido de os alunos se ocuparem mais com a prática e a experimentação livre.

Os alunos revelaram interesse e entusiasmo na realização dos trabalhos e uma postura um pouco diferente.

Esta pequena alteração é visível nos resultados apontados no caderno gráfico. Há alguns alunos que ainda apresentam alguma dificuldade em se “libertarem”, no sentido de estarem muito presos à imagem real das formas. Na próxima aula ir-se-á insistir um pouco com eles para criarem maior confiança e liberdade de gesto e expressão.

. Aula nº 19/20:

Foi apresentado o Powerpoint (**Anexo II.38**) e entregue a Proposta de Trabalho 2 (**Anexo II.39**): “formalização do retrato com o uso da cor”, com a definição do exercício, do material necessário e dos critérios de avaliação, que valorizavam a qualidade plástica e a experimentação.

Levou-se para a aula o material fornecido pela escola para a execução das telas, o que permitiu aos alunos uma visualização do objecto onde iam trabalhar.

Propôs-se a execução de uma maquete aproximada à tela final, através de dois estudos.

Apesar de explicar aos alunos o método para trabalharem o fundo, devia ter insistido para eles começarem por este, ficando a forma para segundo plano, uma vez que já tinham efectuado várias experiências na aplicação da cor na forma.

A partir do momento em que os alunos souberam que este trabalho iria constituir um painel a ser colocado num espaço da escola, visível por toda a comunidade, começaram a sentir uma responsabilidade maior na sua execução, acrescentando o facto de se tratar de um somatório de trabalhos individuais, onde é bem visível o que cada um fez.

Assim, empenharam-se mais e preocuparam-se em fazer as tarefas exigidas da melhor forma possível, mostraram interesse e bastante entusiasmo, nesta fase do trabalho.

Esta proposta estava a revelar um “feed back” por parte dos alunos muito positivo.

No entanto, os alunos perderam muito tempo da aula a ampliar o rosto, foram poucos os que ficaram na sala de aula a concluir o trabalho, pelo que teve de ser solicitada a sua conclusão em casa.

. Aula nº 21/22:

Apesar de a estagiária se encontrar afónica foi à aula e tentou da melhor forma auxiliar os alunos na execução das tarefas.

Verificou que a maioria dos alunos fez o trabalho de casa proposto na aula passada. Embora não tenham sido estabelecidas regras rigorosas quer para o uso das tintas, quer para a utilização das bancadas de trabalho, quer para a movimentação dos alunos na aula, foi possível a partir dos estudo e da maqueta apoiá-los na escolha para a realização da pintura na tela.

Na sua quase totalidade, demonstram um enorme entusiasmo e sentido de responsabilidade, trabalharam sem receio de experimentar novos materiais e técnicas, arriscando na sua utilização e o seu comportamento, sobretudo daqueles que por norma perturbavam as aulas, esteve diferente.

O resultado podia ter sido melhor se os alunos tivessem todo o material necessário para a sua execução.

Nesta aula foi evidente um maior empenho e esforço na realização dos trabalhos, o que demonstrou uma evolução positiva no que respeita ao sentido da responsabilidade.

Apesar de a estagiária se encontrar quase sem voz e ter falado com muita dificuldade, poderia ter registado no quadro algumas normas básicas, tais como: levantar do lugar calmamente, manusear adequadamente as tintas e pincéis, atentar à limpeza dos materiais, etc.

. Aula nº 23/24:

Tentou dar-se apoio individualizado aos alunos que mais necessitavam, visualizando os trabalhos a serem efectuados.

Incentivou-se os alunos a “libertarem-se” mais, perdendo medos que muitas vezes têm, na realização deste tipo de trabalhos.

Tentou coordenar-se a forma de estar na sala com alguma organização e método, nomeadamente no uso das bancadas.

A aula foi inicialmente orientada pelo professor Orientador, que apresentou umas imagens para auxiliar os alunos na valorização da criatividade e no espírito inventivo e expressivo na aplicação da cor.

Os alunos continuaram a demonstrar um enorme entusiasmo e responsabilidade na realização do trabalho. Grande parte continuou a trabalhar sem receio de experimentar novos materiais e técnicas, arriscando na sua utilização.

O seu comportamento continua instável e neste dia houve alguma tensão, o que é próprio neste tipo de trabalhos em que se têm de partilhar equipamentos e objectos sem existirem por vezes as condições ideais para concretizar estas tarefas.

Este tipo de aulas requer um esforço de atenção acrescido por parte do professor, que termina a aula um pouco exausto, mas nem por isso deixa de ser uma experiência muito positiva, que se manifesta no gosto com que os alunos estão a trabalhar.

. Aula nº 25/26:

Foi feita uma planta da sala de aula, de modo a que no final da aula os alunos deixassem os cadernos e as telas a serem avaliados e os mesmos fossem de fácil identificação.

A planta da sala de aula também é um instrumento importante para o reconhecimento e memorização de diversas situações pertinentes no decorrer das actividades.

Foi dado o apoio individualizado aos alunos que mais dele necessitaram.

No final da aula, depois da saída dos alunos, foram fotografados os trabalhos obtidos para planificar o painel de telas.

Mais uma vez se constatou a demonstração de um enorme entusiasmo e responsabilidade pelo trabalho.

À medida que a tarefa se aproxima do momento de apresentação à comunidade altera-se o comportamento dos alunos para uma postura mais atenta e mais

responsável. Reforça-se ainda a ideia que este tipo de aulas requer do professor um empenho total, que termina a aula um pouco exausto, mas é, sem dúvida gratificante observar os resultados obtidos e o somatório das telas irá dar um painel que constituirá uma mais valia para a escola, sinal de esforço e dedicação dos alunos desta turma.

A estagiária pretendia fazer maquetas em formato digital de montagens do painel para aprovação do Professor Orientador e do Director da Escola.

. Aula nº 27/28:

Na exposição da matéria utilizou-se uma terminologia correcta e adequada à faixa etária dos alunos e tentou-se que fossem os colegas a responder a dúvidas que iam surgindo, de modo a serem completados os conteúdos abordados.

Entregou-se uma Proposta de Trabalho 3 (**Anexo II.40**) que, parece ter sido bem estruturada e simples de interpretar, através de esquemas exemplificativos.

O tempo de exposição teórica foi demasiado longo, devido a constantes chamadas de atenção aos alunos, que não se concentram neste tipo de aulas.

Houve alguma dificuldade em gerir alterações nos planos de aula, exigidas, as mais das vezes, pela já referida diferença entre o ritmo do professor e dos alunos e pelo comportamento também já anotado de alguns elementos da turma.

Inicialmente os alunos mostraram algum desinteresse em continuar a trabalhar sobre a base do auto-retrato, uma vez que ainda desconheciam o resultado final da proposta de trabalho, mas apesar disso quando passaram à prática, a mudança de atitude foi visível.

Resumidamente, as intenções da professora na exposição da matéria estavam bem estruturadas, contudo não foi possível controlar a turma de modo a não perturbarem a aquisição da componente teórica da matéria a leccionar.

Os alunos mostraram-se muito excitados, brincalhões, distraídos e conversadores, não prestando muita atenção à exposição oral.

Houve algum desinteresse demonstrado pelos alunos na apresentação de uma proposta de trabalho tendo como base novamente o auto-retrato.

. Aula nº 29/30:

Verificou-se se os alunos tinham feito o trabalho de casa e se tinham material para trabalhar e foi prestado o apoio necessário ao desenvolvimento dos trabalhos.

Esta aula serviu para entender que a proposta de trabalho foi acessível a alunos do 8º ano, que não apresentaram dificuldades em resolver o enunciado.

A sequência pensada para dar de certo modo continuidade ao trabalho anterior, utilizando a mesma base, tornou-se não uma desilusão como os alunos mostraram ao início, mas uma actividade lúdica.

Em síntese, os alunos compreenderam que é devido à alteração da estrutura que se altera a forma, revelaram expressividade e criatividade na deformação do rosto e serviram-se de materiais diversificados e apresentaram ideias originais.

Quanto ao comportamento, o que mais prejudicou esta aula foi o facto de os alunos não trazerem sistematicamente o material. Mas notou-se claramente que é um hábito já adquirido por eles, que não é muito fácil de mudar; apesar de saberem que serão penalizados por isso na avaliação final. Contudo, ao contrário da aula passada, tiveram um comportamento exemplar; trabalharam em casa, esforçaram-se e revelaram um enorme interesse e até alegria na execução das tarefas.